



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA CULTURAL

ANDREA CRISTINA MARQUES

**ESTIGMAS DO FEMININO: A MULHER E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO
DE SOLTEIRONA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE NA DÉCADA DE 1960**

GUARABIRA - PB

2011

ANDREA CRISTINA MARQUES

**ESTIGMAS DO FEMININO: A MULHER E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO
DE SOLTEIRONA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE NA DÉCADA DE 1960**

Trabalho apresentado como exigência para a
obtenção do título de especialista em História
Cultural da Universidade Estadual da
Paraíba.

Orientadora: Prof^a. Dra. Joedna Reis de
Meneses.

GUARABIRA - PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

M357e

Marques, Andrea Cristina

Estigmas do feminino: a mulher e a construção do estereótipo de solteirona na cidade de Campina Grande na década de 1960 / Andrea Cristina Marques. – Guarabira: UEPB, 2011.

44f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História Cultural) – Universidade Estadual da Paraíba.

(via do aluno)

**ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA CULTURAL**

ALUNO(A): ANDRÉA CRISTINA MARQUES

MATRÍCULA: 09213008

Aos 29 dias do mês de ABRIL de 2011, às 15:00 horas, no Laboratório de História Cultural do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, foi realizada a defesa pública do Trabalho de Monografia intitulado *Estigmas do Feminino: a Mulher e a Construção do Estereótipo de Solteirona na Cidade de Campina Grande na Década de 1960*, do(a) aluno(a) **Andréa Cristina Marques**. O referido trabalho foi realizado sob orientação do(a) Prof. (a) Dra. Joedna Reis de Meneses (DGH/CH/UEPB), tendo como componentes da Banca Avaliadora os(as) profs(as) Dra. Alômia Abrantes da Silva (DGH/CH/UEPB) e Dra. Marisa Tayra Teruya (DGH/CH/UEPB) que, após apresentação e arguição consideraram o aluno(a) APROVADO(A).

De acordo com a Resolução UEPB 032/2009, eu, Carlos Adriano Ferreira de Lima lavrei a presente ata que vai por mim assinada, pelos membros da Banca Avaliadora e pelo aluno.

Orientador (a) Joedna Reis de Meneses
Examinador (a) Alômia Abrantes da Silva
Examinador (a) Marisa Tayra Teruya
Aluno(a) Andréa Cristina Marques

AGRADECIMENTOS

No período de realização dessa Especialização em História Cultural convivi com pessoas que me ensinaram muito, por isso quero agradecer aos meus colegas de curso, os quais fizeram com que meu aprendizado crescesse.

Nessa Especialização aprendi bastante também com meus professores, dos quais um deles tive o prazer de ser aluna pela segunda vez, que foi a professora, Elisa Mariana, que desde a graduação pôs um monte de interrogações na minha cabeça, mas que me fizeram ser quem sou hoje.

Porém, não posso esquecer de forma alguma os meus outros professores, todos muito especiais, cada um à sua maneira, que fizeram grandes contribuições nessa minha trajetória. Então, à todos um muito obrigado.

A minha orientadora Joedna Reis de Menezes, quero agradecer também de maneira especial, por tirar um tempinho do seu tempo e da sua vida tão corrida para me ajudar na escritura desse trabalho.

Minha família e amigos mais próximos foram de extrema importância para que eu seguisse nesse percurso de aprendizado, por isso dedico principalmente a eles essa monografia.

Há outras coisas no caminho onde eu vou
As vezes ando só, trocando passos com a
solidão
Momentos que são meus, e que não abro
mão

Já sei olhar o rio por onde a vida passa
Sem me precipitar, e nem perder a hora
Escuto no silêncio que há em mim e basta
Outro tempo começou pra mim agora

Vou deixar a rua me levar
Ver a cidade se acender
A lua vai banhar esse lugar
Eu vou lembrar você

Ana Carolina

SUMÁRIO

1- Introdução.....	7
---------------------------	----------

Capítulo I

2- Campina Grande no Contexto Dos Anos 60: Novas Identidades, Novos Territórios Para o Feminino	10
--	-----------

2.1 - As mudanças identitárias do feminino nos anos 60

2.2 - Dividindo os espaços sociais: separando homens e mulheres

Capítulo II

3 - Construindo identidades para as solteiras – estereotipando a solteirice feminina nos anos 60.....	26
--	-----------

3.1 - Novos territórios para as mulheres e a construção negativa da solteirice feminina

3.2- A invenção da solteirona nos anos 60 em Campina Grande

3.3- Mulheres casadas versus mulheres solteiras

4- Considerações Finais	40
--------------------------------------	-----------

5- Referências Bibliográficas	42
--	-----------

RESUMO

Este trabalho analisou historicamente a solteirice feminina na década de 1960 na cidade de Campina Grande, problematizando como se deu a construção do estigma da “solteirona” num período em que esta cidade passava por uma modernização, tanto da sua urbanização, passando por uma plástica urbana, como também dos valores e códigos de sociabilidade vivenciados e utilizados pelas pessoas, permitindo assim novas maneiras das pessoas se significarem. Sendo que para as mulheres esse momento possibilitou a oportunidade de experimentar outras identidades, que foram além das de esposa, dona de casa ou mãe. No entanto, convivendo com os discursos modernos da época estavam também discursos que demonstraram estranhamento aos novos modelos femininos que surgiam, como o da mulher solteira, construindo dessa forma uma imagem estereotipada acerca dela. Sendo assim, para fazer esta problematização foram utilizados enquanto documentos cordéis e jornais, que circularam em Campina Grande na década de 60, documentos que através de seus discursos trouxeram como possibilidade a análise da construção desse estereótipo para as solteiras campinenses.

Palavras-chave: Solteirona, Campina Grande, Cordéis, Jornais.

ABSTRACT

This study analyzed historically singleness of women in the 1960s in the city of Campina Grande, questioning how was the construction of the stigma of "old maid" at a time when this city was undergoing a modernization of both its urbanization, urban through a plastic but also of values and codes of sociability and used by experienced people, thus enabling new ways for people to signify. Since that time for women allowed the opportunity to sample other identities that were beyond those of wife, homemaker and mother. However, living with the speeches of modern times were also speeches that showed the new female models estrangement that arose, such as the unmarried woman, and proceeded to build a stereotype about it. So to make this questioning were used as cordage documents and newspapers circulating in Campina Grande in the 60's, through documents brought his speeches as a possibility to analyze the construction of this stereotype for single Campinense.

Key-words: Spinster, Campina Grande, Twine, Newspapers.

1 INTRODUÇÃO

A década de 1960, não somente no Brasil, foi importante para o debate acerca das mudanças nas identidades. Dentre essas mudanças, estão as mudanças situadas no campo feminino.

Nos anos de 1960, os novos códigos de comportamento contribuíram para que homens e mulheres começassem a agir de outras maneiras e no caso das mulheres, isso poderia ser observado em como elas estavam naquele momento significando suas práticas cotidianas, com novas formas de ser mulher.

Novas questões apareceram, ou seja, questões relativas ao aborto, à pílula anticoncepcional. Entrou em debate o direito ou não à maternidade e deu espaço naquele momento para que as mulheres pudessem dar outros rumos para suas vidas.

A partir dessas novas possibilidades que passaram a fazer parte das suas experiências femininas, surgiram outros modelos de mulher, como as mulheres que por algum motivo não se casaram, não constituíram um lar, não tiveram filhos nem esposo. Elas, mesmo vivendo num contexto de mudanças nos comportamentos foram sendo estigmatizadas por sua vivência de mulher solteira, sendo denominadas como “solteironas”, “vitalinas”, “tias”.

No intuito de analisarmos como se deu a construção da representação das mulheres solteiras na década de 1960 em Campina Grande, utilizamos nesse trabalho enquanto documentos alguns trechos de cordéis, de autoria dos cordelistas José Costa Leite e Abraão Bezerra Batista, e a coluna do jornal O Momento, veiculado em Campina Grande, documentação referente aos anos 60.

Esses artefatos culturais puderam ser compreendidos como documentos a partir da leitura feita pelos Estudos Culturais, que alargaram o campo de estudos não somente da

História como de outras disciplinas, contribuindo para uma nova perspectiva teórica, assim como para novas problemáticas.

Nesse sentido, a literatura de cordel se mostra uma rica fonte de pesquisa, pois como coloca Sandra Pesavento: “A literatura tem se revelado o veículo por excelência para captar sensações e fornecer imagens da sociedade por vezes não admitidas por esta ou que não são perceptíveis nas tradicionais fontes documentais (...)” (PESAVENTO, 1995)

O que é corroborado por Maria Angela Grillo, quando ela diz que o cordelista através de sua narrativa consegue captar com sua sensibilidade os acontecimentos que estão ocorrendo ou ocorreram ao seu redor. Segundo a autora, “(...) Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor é conselheiro do povo e historiador popular, dão origem a uma crônica de sua época.” (GRILLO, 2008:3).

Através de algumas dessas histórias populares, contadas pelos cordelistas sobre as mulheres solteiras, poderemos perceber de que forma os poetas de cordel fala sobre as mulheres solteiras, como na seguinte afirmação feita por Abraão Bezerra Batista: “(...) Coroa é uma rama que nasce de uma mulher, pois só existe coroa por que nasceu Lúcifer; coroa é coisa maldita não meto a minha colher (...)” (BATISTA, 1966:13)

Outra fonte será usada nesse trabalho: o jornal O Momento. No jornal O Momento, encontramos afirmações de que as mulheres modernas não devem deixar seu lar, pois embora tenham que trabalhar fora dele, o lar seria parte constitutiva da mulher, o qual não sobreviveria sem ela. (SOUSA, 1965: 11)

Tais fontes impressas fornecerão importante leitura das representações construídas para as mulheres solteiras, mas é claro entendendo que ambas as fontes contribuem para essa construção a partir de todo um conjunto de indivíduos que possuem sua singularidade, suas crenças, hábitos, ideologias e que sendo assim não são obras neutras, porém que possuem motivações que levam à decisão de tornar público tal notícia ou não.

Nesta perspectiva, iremos analisar no primeiro capítulo as mudanças no contexto histórico em Campina Grande, iniciado ainda na década de 1940 e que vai nos anos de 1960 dar a cidade o título de cidade cultural.

Observamos também como mesmo com o desenvolvimento da cidade nos anos 60, ainda era bastante forte as cobranças para que homens e mulheres mantivessem os papéis tradicionais, designados socialmente para ambos, como para o homem ser pai, esposo e para a mulher ser mãe, dona de casa e esposa. Porém, existiam pessoas que estavam ocupando outras identidades, como a das mulheres que não estavam se casando, ou seja, estavam por algum motivo fora dos padrões ditados pela sociedade campinense.

No segundo capítulo, problematizaremos como com essa desterritorialização das identidades femininas, constrói-se novos lugares sociais ocupados pelas mulheres, elas começaram então a ser denominadas pejorativamente de solteironas. Mas, para receberem essa denominação existiam características que enquadravam as mulheres solteiras dentro da identidade estereotipada da coroa, solteirona, que era o fato delas terem trinta anos ou mais e ainda estarem sem um compromisso, casamento.

Assim, é sobre a história da produção destes significados em torno do feminino e da construção do conceito de “solteirona” na cidade de Campina Grande, especificamente, na década de 1960 que esta monografia se dedicará.

Capítulo I

2 CAMPINA GRANDE NO CONTEXTO DOS ANOS 60: NOVAS IDENTIDADES, NOVOS TERRITÓRIOS PARA O FEMININO

2.1- As mudanças identitárias do feminino nos anos 60

Falar da mudança no contexto histórico ocorrida nos anos de 1960 na Paraíba, principalmente em Campina Grande, espaço objeto desse estudo, significa ter que falar também de mudanças mais gerais que nesta época aconteceram no Brasil e como tais mudanças influenciaram na desconstrução e construção de novas identidades.

As mudanças identitárias as quais colocamos se referem àquelas regras sociais que separam os lugares que seriam destinados para homens, sendo que para eles estaria destinada a vida pública, e que para as mulheres se restringiam ao casamento, aos cuidados domésticos, dos filhos e do marido, enfim ao ambiente privado. Papéis que anteriormente eram a única opção para elas e assim viviam em função destes, como as únicas identidades possíveis.

Porém, tais papéis que antes transmitiam a idéia de uma essência, de lugares sociais fixos para homens e mulheres que não poderiam se deslocar, fragmentar, desconstruíram, dando lugar a outros papéis, mais diversos, mais flexíveis, que é o que Guacira Lopes Louro (1997) coloca ao mostrar como as identidades são instituídas a partir das relações de gênero. Assim, as instituições sociais constroem identidades através dos discursos que

emitem, discursos que estão emaranhados por relações de poder, constituindo os sujeitos e cristalizando dadas identidades como naturais.

Louro, mostra como essa bipolaridade pela qual foi por muito tempo entendida as relações de gênero foi revista, a partir de leituras como a de Foucault (1987) que questiona a fixidez dessa polaridade, analisando as relações de poder como fazendo parte de uma rede que “capilarmente” constitui toda a sociedade. Pois, para o autor não existiria um pólo que estaria com o poder e outro sem ele. Sendo impossível pensar o poder num sentido fixo. “Afim, homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças.” (LOURO, 1997: 40)

Essas questões referentes às relações de gênero parecem ainda mais pertinentes no contexto da década de 1960, época marcada por conquistas realizadas pelos movimentos femininos, que mostram neste momento outras possíveis identidades das mulheres, como as que contestam antigos modelos, como o de esposa, mãe, dona de casa; que lutam pela liberação do aborto, pela opção ou não pela maternidade ou pela escolha da sexualidade (FOUCAULT, 2006).

E, além disso, existiam outras mudanças que estavam ocorrendo. No Brasil estava acontecendo transformações em outros aspectos, que modificaram de alguma forma o cotidiano de homens e mulheres. O que influenciou também as transformações das identidades.

A exemplo da modernização da sociedade brasileira na década de 1950, mais especificamente após 1955 quando o Brasil se compatibilizaria com a estratégia de consolidação do fordismo nos países centrais e de internacionalização do capitalismo via modernização desenvolvimentista, abrindo as portas às multinacionais, o que seria o

pontapé inicial pra o acontecimento de rápidas transformações sociais (VAISTSMAN 1994:63).

Neste período, na Paraíba a balança comercial e os números de crescimento eram favoráveis. E o crescimento de Campina Grande se dava nos campos econômico, comercial, industrial, demográfico e urbano, chegando a ter grandes proporções. Poucas cidades brasileiras no período entre as décadas de 20 e 50 alcançaram o índice de desenvolvimento aqui ocorrido. E segundo Epaminondas Câmara:

“o crescimento de Campina Grande foi desmesurado, pois de 1907 a 1947 cresceu 1.710%, passando de 731 a 13.259 o número de edificações (...). Já o índice de incremento populacional foi de 344%, contra 212% da capital da República, Rio de Janeiro, e de 177% da capital da Paraíba”

(CAVALCANTI apud CÂMARA, 2000:50)

Porém, este desenvolvimento foi mais expressivo mesmo até o ano de 1960 na Paraíba, e apesar dessa política desenvolvimentista, que tinha por base a industrialização do país, as indústrias tradicionais paraibanas, de algodão, sisal e couro, continuaram tendo maior peso, apresentando também certa crise, ocasionando desemprego. Isso ocorreu por que o incentivo à industrialização, proveniente do capital nacional, tinha chegado ao fim e toda a classe política defendia a associação ao capital internacional (ARAÚJO, 2001:114).

Mas, de uma forma geral, e salvo devidas restrições, essa corrida desenvolvimentista acelerou a urbanização, reorganizando as relações sociais, o que fez com que principalmente as mulheres consigam maior autonomia deixando, em muitos casos, de serem simplesmente esposas.

Acerca desses aspectos advindos com o desenvolvimento da cidade de Campina Grande deste período, a historiadora Silêde Cavalcanti (2000), mostra em sua dissertação de mestrado na qual se deteve a analisar como se deu a moralização dos costumes principalmente no que se refere às mulheres em Campina Grande até os anos de 1950, que a intensidade de todas as transformações desta época no Brasil e conseqüentemente na Paraíba, afetou de forma ampla a todos. O que ela corrobora com a afirmativa de Nicolau Sevcenko:

“(...) nunca em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão complexo e tão rápido num processo rápido de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos.”
(SEVCENKO, 1998:24)

É a partir desse processo citado por Sevcenko (1998), que Campina Grande figurará entre as cidades que estavam tomando ares cosmopolitas, se inserindo neste momento como uma das cidades da Paraíba mais desenvolvida, para a época.

Dessa maneira, Campina grande, cidade a qual me detenho nesse estudo, nos anos 60 foi palco de novas formas de relações entre homens e mulheres. Levando em consideração também outras questões possibilitaram esses novos tipos de relacionamentos, como o fato da cidade já ter o título de cidade universitária, com nível educacional invejável, bastante procurada por pessoas de fora do Estado, sendo local de diversas mudanças nos comportamentos, principalmente os femininos.

Sobre tais mudanças na cidade, a historiadora Cavalcanti, em sua pesquisa, comparando Campina Grande a uma mulher deflorada, observa que as transformações que mudaram os contornos dessa cidade aconteceram logo no início do século XX. Ela afirma

que: “É exatamente entre as décadas de 20 e 50 que Campina irá se transformar, se desenvolver e se modernizar com mais velocidade (...)” (CAVALCANTI, 2000:49)

Segundo ela, Campina Grande, que na década de 1950 possuía ares modernos graças à “cirurgia” empreendida pelo prefeito Vergniaud Wanderlei, ainda na década de 40, trazia consigo mudanças e deslocamentos que permitiram a homens e mulheres comportarem-se de novas maneiras em seus amores, afetos e casamentos.

Após a cirurgia nessa cidade, ela ficou “alinhada”, atraente, recebendo assim homens do comércio de exportação de algodão, altos industriais. Foram construídos para acolher toda essa gente o “Grande Hotel”, ambiente de requinte e luxo que condizia com a nova feição da cidade, além desse, outros prédios modernos foram levantados, como o da Prefeitura e da Associação Comercial, o que assemelhava Campina as grandes metrópoles mundiais.

Com tantas mudanças físicas, os costumes sociais também passaram por alterações, pois outras sensibilidades foram produzidas a partir das novas maneiras de se sociabilizar, pois os espaços como “o cinema, o carnaval, o futebol e as retretas atraíam as pessoas à rua, que passa a ser lugar de encontros e de prazeres para moças e rapazes (...)” (CAVALCANTI, 2000:59).

Também nas grandes cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, a geração que vivenciou a década de 1960 protagonizou um conjunto de mudanças econômicas, políticas e nos códigos de comportamentos, sinalizando o esgotamento de alguns pressupostos da modernidade. Os homens e mulheres dos anos 60 no Brasil sentiram que além de estarem passando por uma revolução social e política, estavam passando por uma revolução urbana, que influenciaria nos costumes e comportamentos.

2.2 Dividindo os espaços sociais: separando homens e mulheres

Mesmo levando em consideração que os anos 60 haviam trazido consigo mudanças tanto nos costumes quanto nos comportamentos masculinos e femininos, temos que colocar que haviam ainda as ambigüidades vindas das construções sociais construídas para homens e mulheres, separando ou polarizando seus lugares, conforme as atribuições dadas a cada gênero.

E é acerca disso que Mary Del Priore (2005) coloca mostrando que embora com tantas novidades acontecendo no cotidiano das relações, para as mulheres o lar continuou sendo o lugar da mulher, e a vida pública, do homem. Segundo ela, as revistas e os jornais voltados para o público feminino, tais como a revista *O Cruzeiro*, *Querida* ou *O Jornal das moças*, já da segunda metade da década de 1950, continuavam a investir na figura da mãe, da dona-de-casa. Só que agora ela enfrenta o desmoronamento da figura da “rainha do lar”, tão forte até os anos 50.

Assim, muitas mulheres ainda investiam num casamento feliz. Então, Priore mostra a revista *O Cruzeiro* datada do mês de Abril de 1960 afirmando para as mulheres como manter bem seu casamento:

E de acordo com esse papel natural chegamos a que à mulher maior parcela na felicidade do casal; porque a natureza dotou especialmente o espírito feminino de certas qualidades sem as quais nenhuma espécie de sociedade matrimonial poderia sobreviver bem. Qualidades como paciência, espírito de sacrifício e capacidade para sobrepor os interesses da família aos interesses pessoais.”

(PRIORE, 2005:310)

Outro exemplo de como as continuidades estavam a todo o momento permeando os relacionamentos homem-mulher é o jornal O Momento, veiculado na cidade de Campina Grande, Paraíba, de 1960, e que diz em um trecho de sua coluna feminina, escrito por Teresa Souza: “Nós mulheres, temos uma tarefa especial na vida: o Lar. De nossa atuação em face dela depende em alta escala, o destino dos povos, nosso próprio destino.” (SOUZA, 1960:17).

Porém, embora possamos observar tantas continuidades nas relações homem-mulher, novos códigos de comportamento surgiam como as transformações das mentalidades, nos padrões de comportamento, na nova forma de linguagem sexual, onde sobre este último Silva (2000), cita o cinema como lugar onde esses novos códigos de comportamento aconteciam, em Campina Grande, tendo por protagonistas as mulheres:

“As estratégias de sedução das mulheres que freqüentavam o cinema revelaram códigos de paquera e namoro mais livres dos resquícios de uma cultura patriarcal. A mulher já se assumia como facilitadora do processo de sedução, deixando cadeira vazia para que o seu pretendente se sentasse ao seu lado. Quando surgia clima para o namoro, os encontros já não se restringiam às paredes das casas dos seus genitores, uma vez que estes se realizavam com freqüência neste cenário encantado e fascinante, provocador de novas pulsações e de trocas relacionais mais íntimas, portanto, livres dos olhares disciplinantes do ambiente doméstico.” (SILVA, 2000:105).

Seria neste sentido observado por Silva, que esses novos códigos de comportamento lançados pela revolução sexual alargaram o campo de possibilidades para os jovens daquela época, como afirma Priore, ao dizer que nos anos 60, “(...) novo ato se abre com o desembarque da pílula anticoncepcional no Brasil. Livres da sífilis e ainda longe da AIDS, os jovens podiam experimentar de tudo (...)” (PRIORE, 2005:320).

Para ela, a revolução sexual flexibilizou a maneira de como as relações podiam acontecer, dando certa liberdade e mobilidade aos relacionamentos. E Neste sentido:

“Nas capitais e nos meios estudantis, os jovens vão escapando às malhas apertadas das redes familiares. Encontros em torno de festas, festivais de música, atividades esportivas, escolas e universidades, cinemas e, após a Segunda Guerra, a multiplicação de boates e clubes noturnos deixam moças e rapazes cada vez mais soltos (...)”. (PRIORE 2005:321)

Segundo Priore (2005), é claro que a sexualidade ainda era vivida como pecado, aos olhos da igreja, porém para uma parcela dos católicos o amor e o prazer poderiam conviver juntos. O amor romântico continuava sendo martelado pela mídia da época, o cinema e a televisão.

Em 1963, por exemplo, estreia a primeira novela diária exibida na televisão brasileira, estrelada por Tarcísio Meira e Glória Menezes, encarnando o modelo paradigmático do herói e da heroína apaixonados. A timidez na representação da relação amorosa correspondia à fidelidade que se tinha a algumas idéias: a do casamento estável, a do espaço público destinado aos homens e o privado, às mulheres.

O desmoronamento da mulher exclusivamente voltada para o lar deveu-se as mudanças que neste período estavam acontecendo e como discute Stuart Hall (2004), teve grande impacto sobre as identidades modernas, já que a própria modernidade estaria sendo transformada. Com isso, os sujeitos estariam se fragmentando, sendo compostos agora de várias identidades.

A identidade sexual seria uma das que principalmente nos anos 60 passou por uma enorme fragmentação, fragmentação essa advinda por movimentos como o feminista, o movimento gay ou de lésbicas. Com o debate trazido por esses movimentos “novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como "política de identidades". (LOURO, 2000:7)

Nesse caso, entendemos aqui que a questão da sexualidade das mulheres que durante a década de 1960 passaram por mudanças em sua concepção, é fruto do universo cultural ao qual naquele contexto elas pertenciam. Um momento de novos questionamentos dos antigos modelos identitários, como os dos lugares sociais destinados ao gênero feminino, tal como a família, o que envolve os cuidados com a família, filhos e esposo. O que afetou assim as formas de viver e de construir as identidades de gênero e sexuais.

E compreendendo a sexualidade dessa maneira podemos colocar que “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. (...) a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.” (LOURO, 2000:08)

Fazendo parte ainda dessa política de identidades, juntamente a nova concepção acerca da sexualidade feminina que ocorreu na década de 60, aconteceu também a problematização no que se referiu ao corpo das mulheres. Essa problemática foi colocada e desconstruída da mesma maneira que as antigas concepções de gênero, sexualidade, pois nesse momento era necessário “desconstruir as representações, desnaturalizar o corpo de forma a evidenciar os diferentes discursos que foram e são cultivados, em diferentes espaços e tempos (...)” (LOURO, 2003:32)

Pensar o corpo como algo construído culturalmente foi uma necessidade para as pessoas nos anos 60 e principalmente para as mulheres, visto que elas precisavam ressignificá-los, para que assim pudessem ter a possibilidade de vivenciar outras experiências as quais anteriormente não eram possíveis, a exemplo das experiências sexuais, que por sua vez estavam ligadas as identidades de gênero que foram se construindo e desconstruindo nesse período, rompendo com determinados essencialismos.

Portanto, houve um desmoronamento das antigas identidades e esse “desmoronamento” destas, antes entendidas como centralizadas, únicas, nos permite pensar a complexidade em relação a essas identidades, observando nesse caso como as mulheres puderam nesta época reconfigurá-las de outra forma, através das experiências por elas vivenciadas na década de 60, nos possibilitando perceber como o binarismo que resume homens e mulheres a um só espaço identitário realmente não passa de uma construção social e cultural.

O que é perceptível pelos lugares que passaram a ser ocupados pelas mulheres deste período, o das mulheres que trabalham fora, por exemplo. Assim, as experiências construídas não só pelas mulheres, mas pelos homens também desta época, mostram como é possível corpos femininos ou masculinos reinventar ou ressignificar os códigos comportamentais de uma dada sociedade, quebrando a dualidade proposta pelos preceitos sociais.

Para Jeni Vaistsman (1994), o estímulo que as mulheres receberam para estudar neste contexto de mudanças sociais, econômicas e culturais favoreceu a ruptura dessa dicotomia dos papéis sexuais. E neste sentido,

“As aspirações de inúmeras mulheres deixaram de restringir-se a uma escolarização média, a um bom casamento e filhos, e as referências para a construção de sua identidade não mais se limitaram aos papéis de esposa e mãe.” (VAISTSMAN, 1994:80-81)

Desta maneira, para as novas mulheres que surgiram nos anos 60, surgiam ao mesmo tempo novas formas de denominá-las, elas eram agora vistas como mulheres independentes, autônomas. Pois, neste contexto de modernização no qual o país industrializava-se rapidamente, desenvolveu-se o consumo e a indústria cultural trouxe consigo também transformações nos comportamentos femininos e masculinos, e com isso algumas rupturas dos papéis sexuais fundados na dicotomia entre o público e o privado.

E é neste sentido que as identidades femininas estavam também entrando em deslocamento, descentramento, possibilitando a construção de novas identidades. O próprio contexto sugeria que suas aspirações deixariam de restringir-se a um bom casamento e as referências para a construção de suas identidades não mais se limitariam aos papéis de esposa ou mãe.

Porém, a quebra desses papéis atribuídos tanto para o que seria feminino quanto para o masculino estaria ocorrendo há bastante tempo, como coloca Lia Zanota Machado (1998), ao demonstrar que a partir do livro *O Segundo sexo*, de Simone de Beauvoir em 1949, já entrava em desestabilização os papéis atribuídos aos gêneros, sendo que isso chegaria às últimas conseqüências com os estudos de gênero. Para Machado (1998):

Hoje, o estado atual dos estudos de gênero permite pensar que a construção social de gênero se faz arbitrariamente em relação à diferenciação de sexos de homens e mulheres - não existe a mulher e não existe o homem enquanto categorias universais. Beauvoir pensava a categoria mulher e a questão da libertação da mulher, posta com algum grau de ambivalência: ser libertada das limitações sociais do seu sexo biológico e ser libertada da forma social pela qual este sexo se tornou inferior (o segundo).”
(MACHADO, 1998:108)

Assim, o descentramento ou a quebra das identidades de um modo geral seria também fruto também de um novo questionamento e entendimento acerca dos papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres. O que para as mulheres significou poder organizar seus papéis sociais de outra maneira, percebendo que poderiam ganhar visibilidade com outros comportamentos não somente voltados para as relações dentro família.

Essas transformações para as mulheres dos anos 60 no Brasil significaram um grande passo para optar por identidades antes não tão acessíveis a elas, pois até este momento as identidades possíveis seriam apenas as de mãe, esposa ou dona de casa. Este momento trouxe como possibilidade para as mulheres a oportunidade de escolher por desempenhar papéis diversos destes que anteriormente elas desempenhavam.

A partir destas novas opções de escolha para as mulheres se configurou alternativas de experiências identitárias, desenhando-se desta maneira uma nova cartografia aberta a outras construções de identidades femininas.

Uma nova cartografia se desenha para as mulheres na década de 1960, em grande medida porque essa é uma época de modernização em vários setores da sociedade, embora muitas contradições ainda existissem.

Para as mulheres, uma relativa liberdade aparecia facilitando suas aparições em eventos e festas públicas, incluindo as profanas, podendo até escolher seus amores, embora ainda precisasse do consentimento dos familiares (CAVALCANTI, 2000:75).

Sendo Campina Grande dos anos 60 uma cidade possuidora de certo desenvolvimento como foi colocado anteriormente, seus habitantes a partir das possibilidades trazidas por este novo contexto, gozavam de uma nova sensibilidade, novos objetos, novos códigos de comportamento e também novos desejos.

Como mostra a historiadora Keila Queiroz e Silva (2000), ao mostrar que a partir da década de 60 Campina Grande pautou-se em novos costumes, costumes estes operadores de

novos sentidos e reveladores dos enunciados que entraram em cena na televisão, no teatro, na Universidade e no cinema.

O cinema como coloca Silva, ainda se sobrepunha a televisão, construindo assim novos territórios afetivos e desta maneira novas imagens de homem, de mulher, e de relações de gênero. O cinema mostrava estratégias de sedução que eram apreendidas e de alguma forma colocadas em prática pelas mulheres. Signo de um novo tempo, o cinema facilitava os namoros, pois não tinha a presença dos pais para vigiá-los, o que dava momentos de liberdade aos que dele desfrutavam.

Para ela, os filhos paraibanos dos anos 60 tentaram através de outras práticas desvencilhar-se do padrão cultural dominante no Brasil e por conseqüência também na Paraíba, por isso a década de 60 “(...) retrata um cenário de busca de novos territórios macropolíticos e micropolíticos (...)” (SILVA, 2000:106).

Para muitas pessoas a década de 1960 foi importante, mas para o público feminino foi realmente uma época de revoluções, sentidos como no social, sexual, visto que para a revolução feminista significou o acesso a novas subjetividades como também a luta por igualdade de oportunidades no mundo do trabalho e na política, o que é mostrado por Priore:

Impondo-se a participação da mulher no trabalho da fábrica, da loja, do escritório, a urbanização rompe o isolamento tradicional da família brasileira, rica ou pobre, e altera de maneira decisiva o status da mulher, trazendo-o cada vez mais para perto dos homens. (PRIORE, 2005:300)

Assim, o universo feminino neste momento não se resumia somente a essas macropolíticas, as micro-relações passaram a fazer parte do cotidiano das mulheres, pois este foi o momento delas lutarem por outros lugares, outras identidades que iam além da imagem de mulher procriadora, educadora e normatizada. O que é possível perceber bem antes dos

anos 60 em Campina, ou seja, na década de 50, pela fala de Teresa Souza, colaboradora do jornal O Momento de 24 de Setembro de 1950, veiculado em Campina Grande, ao afirmar que:

A mulher de hoje, (...) fez do lar um acidente em seu caminho, deu-lhe um lugar secundário e ínfimo em seu cardápio de suas obrigações. Este fato lamentável é, em parte, uma reação contra a falada dependência e a discutida inferioridade feminina. (SOUZA, 1950:10)

Na tentativa de percebermos a dimensão das mudanças que estavam acontecendo para as mulheres na Paraíba, é importante que observemos como já na década de 50 eram encontradas novas características femininas, diferentes das que anteriormente faziam parte de seu cotidiano, como questões referentes aos afazeres domésticos, modificando o dia a dia delas, e causando muita polêmica, onde as próprias mulheres a partir de suas opiniões demonstraram tal qual Teresa Souza, que as novas atitudes femininas afetariam de alguma maneira as relações homem-mulher dessa época.

A década de 50 da Paraíba, já sugeria então que transformações estavam por vir na década seguinte e segundo Silva (2000), outra identidade que estava se tornando possível para as mulheres nos anos 60 na Paraíba, especialmente em Campina Grande, era a da mulher que buscava o prazer em suas relações, o que foi facilitado pela pílula anticoncepcional, a chamada “bomba atômica” da revolução sexual.

As mulheres ressignificaram seus corpos, atribuindo-lhes outros sentidos, a eles não caberia somente a função da reprodução sexual, por que o prazer poderia ser vivenciado sem tantas preocupações que rondavam antes o público feminino, dando a elas maior liberdade em suas relações sexuais e sociais.

Por outro lado, mesmo com a relativa liberdade conquistada pelas mulheres, ocorrida com a revolução sexual que influenciou na construção de novos códigos de comportamento e de sensibilidade, havia ainda, muitos homens e mulheres conservadores.

De uma forma geral, no Brasil ainda era bem forte o preconceito contra as novas atitudes tomadas pelas mulheres, mesmo com todas essas conquistas, a exemplo da pílula anticoncepcional, e isso é verificado pela a autora Carla Bassanezi (1992), quando ela mostra em sua dissertação como é que as revistas da época, anos 50 e 60, escreviam dando conselhos às mulheres do período, sempre enfatizando fatores tais como a doçura, pureza, resignação instinto materno, dependência, vocação prioritária para o casamento e os trabalhos domésticos, valores relacionados à manutenção da família.

Da mesma maneira encontramos conselhos destinados às mulheres incentivando-as a serem boas donas de casa, mães e esposas, no jornal O Momento, de Campina Grande:

“Na verdade, se o casamento torna o homem chefe de família, para a mulher outra coisa não é senão o ato que a nomeia, unindo o seu destino ao do seu esposo, guardiã da mesma. (...) Ser guardiã é zelar, mas velar com devotamento e até heroísmo, pela conservação daquilo que guarda. Tratando-se de um lar, essa pequena sociedade que responde pelo destino dos homens, dos povos, a obrigação é por demais sérias em virtude se sua responsabilidade.” (SOUZA, 1950: 10)

Vemos então como muitas pessoas na década de 60 em Campina Grande, ainda tinham o pensamento bastante retrógrado e preconceituoso, por isso principalmente as mulheres que optavam por uma vida fora dos padrões conservadores sofriam com a discriminação feita por homens e principalmente por mulheres que pacatas e corretas, consideravam as desviantes deve modelo como transgressoras, desordeiras.

Isso mostra que mesmo com a mudança de valores e de comportamentos, ocorrida em Campina Grande por meio da modernização de vários aspectos, permaneceram ainda

valores bastante conservadores. As relações entre moças e rapazes já tinham começado a ganhar as ruas, espaço de lazer e namoros, porém a percepção do namoro enquanto momento anterior ao casamento perdurava, namorava-se para casar.

Para as mulheres essa regra era mais rígida, suas vidas girava ainda em torno da família. Para elas, “(...) os discursos revelavam o encontro amoroso como meio de realizar o casamento e os filhos, como sonho de toda moça decente e honesta.” (CAVALCANTI, 2000: 162)

Logo, Campina Grande, apesar dos ares modernos dessa época, não mudara totalmente, guardando valores de uma província. As maneiras de se sociabilizar das famílias, os comportamentos e sensibilidades haviam passado por ressignificações, construindo outras formas de ser homem e mulher, mas as contradições e ambiguidades estavam por toda parte.

Capítulo II

3 Construindo identidades para as solteiras – estereotipando a solteirice feminina nos anos 60

3.1 Novos territórios para as mulheres e a construção negativa da solteirice feminina

A década de 60 no Brasil foi um momento que trouxe muitas transformações nos comportamentos de homens e mulheres, enfatizando que para essas últimas as mudanças ocorridas tiveram grande impacto no modo de “ser” mulher. As identidades já não eram mais as mesmas dos anos 50, onde para elas o único ideal de vida era apenas o casamento, a maternidade, se tornar esposa, e assim resumir sua existência a uma vida privada.

As identidades femininas nos anos 60 se desterritorializaram, construindo para si experiências, outras possibilidades identitárias, as opções poderiam naquele momento ser outras, como a da mulher trabalhadora, independente, enfim, a vida pública também poderia fazer parte do cotidiano das mulheres.

Essa desterritorialização das identidades, especialmente a feminina também estava acontecendo na Paraíba, e considerando que Campina Grande era uma das cidades mais desenvolvidas nesta época, nela as mulheres de alguma maneira participaram deste movimento de construção de novas identidades, indo além daquelas voltadas para o lar e a vida doméstica, embora elas sofressem muitas perseguições, por estarem fugindo aos padrões

vigentes, ou seja, o da mulher que se reservava aos cuidados do lar, seguia os preceitos religiosos da igreja católica, em suma, considerada pacata e correta socialmente.

Assim, apesar das novas identidades de mulher que surgiram no espaço campinense, serem consideradas desviantes do modelo feminino bem aceito pela sociedade de Campina Grande na década de 60, pautado na vida privada ou exclusivamente doméstica, algumas mulheres ousavam, como é o caso de Salete Agra e suas amigas Isa Guerra e Ophélia Amorim, o que verificamos ao observar o depoimento de Salete à historiadora Silva (2000):

“Quem rompeu o padrão comportamental da época, fomos eu, Isa Guerra e principalmente Ophélia Amorim. Em Campina Grande. Nós éramos as três moças consideradas avançadas e comunistas. Até a nossa maneira de se vestir era considerada provocante. Nós Viajávamos sozinhas, íamos para Recife nos finais de semana. O ponto de encontro dos esquerdistas de Campina Grande, João Pessoa e Recife era a boite Rosa Amarela em Recife.” (AGRA apud SILVA, 2000:115)

É a partir deste novo momento das mulheres nos anos 60 que vão surgir outras maneiras de ser mulher, e outras denominações para elas, sendo que em sua maioria essas novas formas de denominá-las seguirão o ritmo da negativização deste novo feminino, que não se prende mais tanto aos lugares do privado e que, como mostrou Salete Agra e suas amigas, tinha a sua frente uma gama de possibilidades de territórios identitários a conquistar. Por isso, socialmente não eram bem aceitas, pois iam de encontro a um modelo feminino, o da mulher maternal, esposa e dona de casa, apesar de tudo, ainda forte mesmo nesse período de tantas mudanças nas sensibilidades e nos códigos de valores.

Desta maneira, até a própria Salete Agra afirma que mesmo com toda essa liberdade que possuía com suas amigas, referente a outros aspectos de sua vida, ela afirma que ainda sentia presa a alguns valores tradicionais existentes na sociedade campinense dos anos 60, sendo assim ela diz que:

“Politicamente e economicamente eu era independente, só não era emancipada do ponto de vista sexual. Nós três achávamos o casamento fora de moda, mas por conta dos padrões da família Ophélia fez um casamento pomposo, Isa casou no exílio, o meu foi muito simples, era uma coisa necessária por conta da época em que vivíamos (...)” (SILVA apud AGRA, 2000:116)

Então, vemos com as palavras de Salete como as convenções sociais de Campina Grande da década de 1960 ainda tinham muito peso nas atitudes das mulheres, mesmo sendo mulheres como Salete Agra, Isa Guerra e Ophélia Amorim. Eram mulheres que estavam buscando ocupar, e ocupando, novos territórios identitários, seja em relação ao político, econômico e principalmente ao sexual, porém neste último aspecto elas sentiram-se ainda presas aos modelos femininos construídos que reservam para as mulheres uma vida dedicada à família, ao lar filhos e marido. E por mais que considerassem o casamento umas coisas fora de moda terminaram se casando para enquadrarem-se aos padrões da época.

A partir desse contexto de mudanças em Campina Grande, onde a tradição em relação aos comportamentos femininos ainda era bastante forte, e em contrapartida outros comportamentos considerados desviantes dos padrões tradicionais da época também aconteciam, tentaremos perceber como é que as mulheres solteiras foram observadas e denominadas pelos discursos da época, tais discursos como, por exemplo, os dos cordelistas

que escreveram acerca das mulheres na década de 60 e dos jornais que circularam em Campina Grande neste mesmo período.

E essas novas formas de se conceber como mulher vai fazer emergirem maneiras de denominação do feminino que em sua maioria serão pejorativas, forjando um lugar para as mulheres solteiras que seria o oposto do lugar das mulheres casadas, ou seja, para essas últimas estaria reservado o lugar da realização pessoal, vinda com o matrimônio, os filhos, o lar, já no caso das solteiras o lugar propício a estas era o da infelicidade, da solidão, da não realização pessoal, da frustração.

3.2 A invenção da solteirona nos anos 60 em Campina Grande

Mas, o que qualificaria ou desqualificaria uma mulher para que ela fosse denominada de solteirona ? Ou ainda, quais as características que faziam de uma mulher solteira ser estereotipada como solteirona ?

Em Campina Grande desse período, Antônio Clarindo Souza (2005), afirma que as mulheres que já tinham chegado aos trinta anos e ainda estavam solteiras sofriam com o preconceito e o estigma de solteironas, por não estarem ainda compromissadas, casadas e com uma família para cuidar. A idade era uma característica que dizia muito sobre elas, já que demonstrava que sua juventude tinha passado e elas não tinham conquistado um lar para cuidar, fugindo do padrão feminino cobrado.

Nos jornais da época, as solteiras apareciam sempre como estando à procura de casamento, mas as que estavam acima dos trinta anos era motivo de piadas dos jornais, por que não eram mais “brotinhos”, mas sim “brotões” e não eram observadas pelos mesmos

olhares que pleiteavam namoro com as moças mais jovens, embora alguns rapazes reparassem nelas.

Os jornais pesquisados pelo historiador citam as ditas por eles, “balzaquianas”, pejorativamente, comparando-as com os brotinhos, “chegando a afirmar que alguns brotões só estão solteiras porque não encontraram oportunidade e (há) as que continuam solteirinhas, unicamente por questão de ‘gênio’ ou por ‘capricho.’” (SOUZA, 2005:11)

Então, segundo os discursos dos jornais da época, as moças que ainda não tinham arranjado um compromisso sério que culminasse em casamento teriam algum tipo de problema, ou teriam o “gênio difícil”, ou seriam muito “caprichosas”, entendendo essas duas qualificações como adjetivos negativos, os quais teriam de alguma forma dificultado o encontro com o homem que seria o futuro esposo dessas moças.

Para o discurso dos jornais da década de 60 que circularam em Campina Grande, a idade das moças que já teria alcançado os trinta anos, seria um dos fatores que as apontaria como balzaquianas, porém outras características das moças que se encontravam solteiras confluíam também para que elas fossem denominadas de solteironas e por isso sofrerem o estigma da sociedade.

É o que afirma Fonseca, ao mostrar alguns atributos que caracterizaram a mulher solteira, mas percebemos como essas características foram vistas negativamente pela sociedade, na verdade eram sempre colocadas em oposição aos atributos das mulheres casadas.

Assim, a existência das solteiras se dava a partir da existência do seu outro, que era a mulher casada, ou seja, aquela que estava ocupando o lugar positivo. Portanto, assim definiu-se a solteirona: “Defini, portanto, a solteirona em função de sua reputação – é aquela mulher que

aparentemente nunca se casou, nunca teve filhos e nunca viveu maritalmente com um homem.”
(FONSECA, 1989:104)

Dessa forma, existia também uma relação entre a sexualidade não vivenciada pelas mulheres solteiras, embora tal sexualidade somente pudesse ser vivida com a consumação do casamento e não de maneira libertina, que as fazia ocuparem este espaço negativo. E por isso, existia também a idéia de que se as solteiras que já teriam chegado aos 27, 28 anos sem se casar não seriam normais, pois desde o século XVIII entendia-se que uma jovem normal não espera facilmente a essa idade para satisfazer seus instintos sexuais. (FONSECA, 1989:104)

Dentre esses discursos que corroboram que essas características das solteiras não seriam de pessoas normais, reservando-lhes o lugar negativo, estaria o dos cordelistas, escritos nos anos 60, discursos importantes para entendermos como se configura esse lugar reservado as solteiras descritas por eles.

Nesse sentido, o cordelista Leite (1962), conta em um trecho do cordel intitulado “A moça que pisou Santo Antônio no pilão para poder casar com o boiadeiro”, quais seriam as características e qual a busca da mulher solteira:

“A filha do coronel era uma distinta pessoa
charmosa e palpitosa, mas já era uma coroa
tinha 28 anos, porém era muito boa.
Quando o rapaz foi embora, a moça ficou danada
com vontade de casar, chega estava arrepiada
moça velha é um perigo, quando está assim gamada.”

(LEITE, 1962:5)

Outro cordelista que vai trabalhar com o tema da solteirice feminina e com isso caracterizá-la será Batista (1963), em seu cordel “Encontro de Abraão Batista com uma coroa”, vejamos então o que ele fala sobre as solteiras, ao dizer que: “Toda coroa é tola, burra e sem fé. Só pensa em casamento, mas só leva pontapé.” (BATISTA, 1963:4)

A partir das afirmações dos cordelistas sobre as moças solteiras em questão, percebemos como é que através desse discurso construído pelos poetas de cordel acerca da solteirice feminina vai sendo caracterizado um perfil para as mulheres solteiras, onde segundo suas falas, as desqualificam como mulheres que podem se realizar em sua(s) escolhas de vida.

Em ambas as falas vemos como os cordelistas enfatizam bastante questões como a idade da moça e por estarem com uma idade na qual já deveriam estar casadas são estigmatizadas e assim, segundo os cordelistas, estariam também numa busca desenfreada por se casar.

Observando tais falas, percebemos como é que se daria a caracterização delas, onde em primeiro lugar o cordelista leva em consideração a idade delas e depois disso o fato destas estarem solteiras. Porém para uma melhor compreensão de como aconteceu essa estigmatização das mulheres solteiras pelos poetas de cordel é necessário que analisemos a partir de quando se construiu essa imagem estereotipada da mulher solteirona.

Segundo a historiadora Claudia Maia (2007), a imagem estigmatizada da solteirona no Brasil, está profundamente ligada ao projeto de modernidade burguesa, em que a família conjugal, legalmente constituída pelo casamento civil, cresceu como preocupação do estado republicano. Por isso ela afirma:

“(…) Neste sentido, a família se tornou alvo de investimentos políticos e de diversos saberes científicos, pois, como braço fundamental do Estado, ela possibilitava o controle e a disciplina na vida cotidiana dos novos cidadãos e, sobretudo, a constituição de modelos idealizados e de homens e mulheres marcados pelo gênero. A enunciação científica foi o que, de forma definitiva, produziu e reforçou o celibato estigmatizado por que o discurso da “solteirona” não é outra coisa que um discurso higiênico-moral.”(MAIA, 2007:43)

Para ela, a emergência do discurso que estereotipa as mulheres solteiras também estaria ligada a outros desdobramentos modernos, vindos da Europa, como as idéias de progresso e ilustração, desencadeando o processo de urbanização e industrialização, que atingiram de forma diferenciada as cidades brasileiras, a expansão da possibilidade de empregos remunerados e de escolarização para as mulheres, o desenvolvimento de novos saberes, como sexologia e a psiquiatria e a institucionalização do aparato jurídico, criou não apenas as desigualdades entre homens e mulheres, mas também entre mulheres casadas e solteiras (MAIA, 2007:44).

Assim, a família conjugal se converteu na base para constituição do modelo desejado de mulher e de seus novos papéis como “operárias domésticas”. Sendo também um lugar privilegiado para a intervenção e produção de discursos sobre a sexualidade sadia e reprodutiva. A forma de organização e disseminação das famílias conjugais, governadas pelo matrimônio burguês, iniciou novas maneiras de coerção e subordinação das mulheres. Logo,

“(…) as mulheres que permaneciam celibatárias constituíam, de certa maneira, um elemento desestabilizador, - pois, não apenas recusavam os novos papéis destinados a elas (como mães e esposas), mas também, criavam condições de se constituírem em

“indivíduo” para pleitear, de forma mais livre, os espaços de trabalho e para governar a si mesmas e a seus próprios bens; além disso, elas se tornavam exemplos visíveis da possibilidade de existência e de felicidade fora das relações conjugais. As mulheres celibatárias emergiram, assim, como uma figura indesejada que, incapaz de converter-se na “verdadeira mulher”, colaboradora do Estado, ficou “para tia”, “torceu a natureza” (...)” (MAIA, 2007:44)

Seria então essa “verdadeira mulher” que segundo os discursos o dos cordelistas ou dos jornais, queriam que as mulheres solteiras descritas por eles se tornassem? E o que significava ser uma “verdadeira mulher” no contexto dessa época? Quais as características que as “verdadeiras mulheres” deveriam possuir?

3.3 Mulheres casadas versus mulheres solteiras

Para a construção da polaridade que contrapunha mulheres casadas versus mulheres solteiras algumas características eram essenciais. Para que as mulheres fossem bem vistas socialmente era necessário que fossem consideradas futuras boas esposas, donas de casa e mães, é o que mostra a autora Bassanezi (1993), em seu trabalho que analisa os discursos das revistas femininas *Jornal das moças* e *Claudia*, de 1945 a 1960, as quais buscavam construir o ideal de felicidade conjugal, o que antes de tudo exigia também que houvesse a construção de mulheres e homens ideais.

As revistas enfatizavam quais as qualidades que homens e mulheres deveriam ter para ser bons esposos e esposas. Para os homens os atributos eram principalmente: lealdade, capacidade de trabalho e iniciativa, em compensação para as mulheres as exigências eram que

elas se encaminhassem para a vida de casadas conscientes das responsabilidades que as esperavam, as tarefas domésticas e a maternidade. Aos homens se delegavam autoridade e poder sobre as mulheres, já que eram os “chefes da casa”. As mulheres eram definidas ainda segundo seus papéis tradicionais:

“(…) prioritariamente mães, donas de casa e esposas, vivendo em função’ do outro, o homem e das características considerada “próprias das mulheres” englobadas no termo “feminilidade” (pureza, doçura, resignação, instinto materno etc).”

(BASSANEZI, 1993:114)

Essas características relativas às mulheres enfatizam que para serem boas mulheres, ou mulheres socialmente bem vistas, era preciso estarem enquadradas nesse perfil de mulher que tinha por ideal de felicidade a identidade materna, da boa esposa, da “rainha do lar”, e as que porventura fugissem a essa regra seriam discriminadas, por não estar correspondendo ao ideal de mulher dessa época, que segundo os estudos de Bassanezi (1993), chegam até os anos 60 com bastante força.

Existia dessa forma, um emaranhado de discursos, como esses dos jornais, que contribuíam para que as mulheres que não tinham se casado fossem marginalizadas pela sociedade, convergindo com outros discursos que também colocavam a felicidade feminina atrelada ao compromisso do casamento.

E se relembrarmos de um tempo um pouco mais atrás, ainda no início do século XX, encontramos como através dos manuais e currículos escolares foi construída a figura da mãe, da mulher materna, e também da mulher que queria casar-se, pois segundo esses discursos para as mulheres o casamento significaria “o único caminho possível da felicidade e o meio

pela qual elas cumpririam as determinações do seu gênero e assegurariam uma posição social, pois “é humilhante não ter marido” (MAIA, 2007: 102).

Persistia assim, embora já nos anos 60, a crença numa natureza feminina, que dotava a mulher biologicamente para desempenhar as funções da vida privada, sendo esse discurso bastante conhecido ao dizer que: “o lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã. (MALUF, 1998:374)

Seguindo essa ótica, não poderia existir realização pessoal para as mulheres fora do lar; muito menos para os homens dentro de casa, já que a eles pertencia a rua e o mundo do trabalho. As mulheres deveriam ser então boas donas de casa, esposas fiéis e mães amáveis, pra realmente cumprir o que os manuais de conduta citados pregavam, assim estavam também cumprindo seu destino, o destino biológico que estava reservado às mulheres.

Levando em consideração toda essa pregação que criava e reforçava esse perfil de como as mulheres tinham que se comportar para serem consideradas boas enquanto mulher, vemos como é que as casadas, com casamentos estáveis, eram respaldadas já que possuíam atributos, tais como estarem comprometidas com os laços matrimoniais, conquistado assim estabilidade conjugal, nesse sentido seriam também valorizadas por serem mães, e donas de casa. “Portanto, uma mulher que não tinha marido, nem filhos, não era bem vista pela sociedade (...)” (SOUSA, 1997: 143)

E esses atributos faziam delas pessoas respeitadas socialmente, já que estando casadas estavam cumprindo seus papéis, ou os papéis que a sociedade da época esperava que as mulheres cumprissem. Dessa maneira, as mulheres casadas tinham prestígio no seio da sociedade, por que a valorização de seus papéis ocorria em função do marido e da família que elas cuidavam. E em oposição às casadas,

“(…) a mulher sozinha desperta desconfiança, reprovação e zombaria. (...) Mirrada, a solteirona, cheira a ranço. É um ser “improdutivo” (Balzac). Rabugenta, maledicente, intrigante, até histérica, maldosa, ela preocupa, como a prima Bette (1847), operando como uma aranha na cidade.” (PERROT, 1991: 299)

Portanto, por estarem no lado oposto ao das mulheres casadas é que as solteiras, as chamadas solteironas, serão alvo de discriminação, visto que não tendo nenhum desses atributos cobrados pela sociedade, como é o caso das mulheres casadas, com sua estabilidade conjugal, seu lar e filhos para cuidar, serão estigmatizadas como mulheres fracassadas, infelizes e frustradas por não desempenharem o papel feminino cobrado pela sociedade.

Por outro lado, a solteirice de algumas mulheres apresentava outra faceta, que era a da serventia que elas tinham para seus familiares, pois mesmo estando reservadas à reclusão do lar e à infelicidade, a família delas aproveitava-as como força de trabalho doméstico, por isso

“as solteironas eram às vezes, submetidas a um trabalho desgastante nas casas dos parentes, expostas a cotidianas humilhações, lembradas diariamente do seu fracasso enquanto mulher, estas mulheres sofriam uma pressão imensa por parte da sociedade que as acusavam de não terem tido “competência” para arranjar marido. Todo este preconceito se torna visível na imagem que foi construída da figura da solteirona.”

(SOUSA, 1997:143)

Porém, apesar de tanta discriminação contra as mulheres solteiras, Sousa afirma que havia uma lógica de distribuição das responsabilidades que ocorria no interior das famílias e que de alguma forma obrigava-as a não se casarem, “por que a elas eram atribuídos os

cuidados com os idosos, com os sobrinhos, filhos de irmãs falecidas ou doentes, irmãos mais novos (...)” (SOUSA, 1997:144)

Nesta perspectiva, a solteirona embora fosse ridicularizada, sendo denominada com nomes pejorativos, como “vitalina”, “tia”, possuía uma função social dentro da família a qual pertencia, que era a de cuidar da casa, dos velhos, dos doentes e das crianças. Tendo assim a função de serem babás e enfermeiras da sua parentela.

Entretanto, observando mais um lado da vivência da mulher solteira, podemos perceber como a mulher solteira se encontrava de toda maneira cerceada pelas exigências sociais, principalmente quando se tratava de uma mulher solteira que tivesse certa independência em relação à família, se ela não fosse uma solteira tradicional, entendendo-se tradicional como aquele perfil típico da solteirona, ou seja, que fosse uma solteira dedicada ao lar, à família e que não vivesse fora do ambiente doméstico.

A dedicação exclusiva ao ambiente doméstico era o que ainda dava algum tipo de honra para as famílias das solteiras, por que deixando “de ter utilidade para seu grupo familiar ela passava a ser um “transtorno”, um problema, um alvo fácil para a desonra do mesmo.” (SOUSA, 1997:145)

Ou seja, mesmo que estando solteiras, as chamadas solteironas teriam ainda que possuir certas características entendidas como inerentes às mulheres, os cuidados com o lar, com os parentes com o ambiente doméstico, enfim deveria existir algum aspecto de maternidade nelas e que dava de certo modo um tipo de respeito da sociedade para com seus familiares, pois tais solteiras não seriam solteiras de vida “desregradas”, não viviam em festas, mas viviam para o lar, embora não fosse um lar construído, conquistado por elas. Por isso, não poderia acontecer mexericos sobre tal moça por ela ser “bem vista socialmente”. Embora que de qualquer forma carregasse o estigma de solteirona.

Nesse sentido, paralelo à valorização dada aos papéis femininos atrelados à vida dedicada ao ambiente privado, doméstico, ocorria a desvalorização identitária das mulheres solteiras, por que elas não possuíam o prestígio conquistado pelas mães, donas de casa e esposas, sendo interpretadas como se tivessem falido em sua existência.

A estigmatização da solteirice feminina nos anos 60, mesmo estando acontecendo num momento de desterritorialização das identidades, demonstra como a sociedade de Campina Grande ainda se pautava pelas normas tradicionais e conservadoras, que mesmo estando sendo quebradas por algumas pessoas, muitos buscavam uma essência feminina, uma forma de não desconstruir aqueles territórios anteriormente construídos para as mulheres.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a solteirice feminina na década de 1960 em Campina Grande, percebemos como os discursos, como os dos cordelistas e do jornal, falavam das solteiras. Foi possível observar o quanto ao estereotipar as mulheres, esses discursos construíram, inversamente, a identidade prestigiada da mulher casada, compromissada. Mulheres que eram bem vistas socialmente, pois tinham conquistado para si um lar.

Então, a partir desse contraponto que polarizou as identidades de mulheres casadas e mulheres solteiras, as últimas estariam em desvantagem, sendo desprestigiadas, por não terem conseguido a conquista de um lar com filhos e marido para se dedicar, assim como as casadas e por isso foram estigmatizadas.

Por outro lado, é necessário destacar que mesmo a sociedade campinense da década de 60 tendo conquistado o título de “urbs cultural”, por sua modernização urbana, dos costumes, por seus habitantes estarem nessa época vivenciando novos códigos de comportamento, temos também que fazemos a ressalva de que existiam concepções acerca das identidades que buscavam encontrar nelas uma essência, ou ainda estavam presas à cristalização de identidades como a das mulheres, que viviam exclusivamente para os cuidados com o lar e a família.

É nesse sentido que os discursos vindos da literatura de cordel, do jornal e da revista, conseguiram enriquecer este trabalho, dando visibilidade a essa construção das identidades das mulheres solteiras. Vimos nessa documentação que a vida das mulheres casadas, compromissadas foi percebida enquanto o lugar da felicidade, da realização pessoal feminina e por isso o seu oposto, solteirice feminina não foi observada com bons olhos.

Porém, tal polaridade, colocando de um lado mulheres casadas como felizes e realizadas e de outro as mulheres solteiras como fracassadas e infelizes, deve ser entendida

como uma construção, uma teia discursiva que em seu emaranhado produz identidades, podendo ser bem vistas socialmente ou não. O que nos leva a crer que tais identidades são relativas ao seu contexto, sua época seu tempo.

Portanto, somos produtos de nossa própria cultura, das exigências sociais que nos envolvem cotidianamente. Pois, cada sociedade propõe papéis para seus habitantes, homens e mulheres, seguindo determinadas normas e regras, estipulando o certo e o errado, o normal e o anormal. Lembrando que os antigos modelos sociais não são apagados, esquecidos, tirados das mentes das pessoas do dia para a noite e assim os novos modelos de comportamentos podem não ser bem aceitos de forma rápida.

Por isso, na década de 1960 em Campina Grande, cidade que muitos afirmaram estar de acordo com as características da modernidade, persistiam continuidades, tornando ambíguas as reações das pessoas quanto as novas maneiras das mulheres se comportarem, acontecendo então os estigmas, como o acerca das mulheres solteiras.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Marta Lúcia. A ciranda da política Campinense: 1945/1964. IN: GURJÃO, Eliete Queiroz (org). **Imagens multifacetadas da história de Campina Grande**. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação, 2000.

BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). IN: **Cadernos Pagú**, São Paulo, n. 1, jul/93, pp. 111-148.

BATISTA, Abraão bezerra. **Encontro de Abraão Batista com uma coroa**. Campina Grande, 1960.

----- . **Nascimento, vida e morte de uma coroa**. Campina Grande. 1966.

CAVALCANTI, Silêde L. O. **Mulheres modernas, mulheres tuteladas**: o discurso jurídico e a moralização dos costumes em Campina Grande (1930 - 1950). 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco.

FONSECA, Claudia. Solteironas de fino trato. Reflexões em torno do (não) casamento entre pequeno burguesas no início do século. IN: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n 18, ago/89 a set/89, pp. 99-120.

GURJÃO, Eliete Queiroz (org). **Imagens multifacetadas da história de Campina Grande**. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação, 2000.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. A literatura de cordel e o ensino de história. In: **Cultura Escolar Migrações e Cidadania**, Portugal, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9. Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

LEITE, José Costa. A moça que pisou Santo Antonio no pilão para poder casar com um boiadeiro. Campina Grande, 1962.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997.

----- . A produção cultural do corpo. IN: LOURO, Guacira Lopes. **A produção cultural do corpo.** Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2003

----- . (org) **O corpo educado.** Pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma ? IN: **Cadernos Pagú**, São Paulo, v.11; 1998: pp.107-125.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona:** Conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1848). Tese de doutorado, UNB, Distrito Federal, 2007.

PESAVENTO, Sandra. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX). In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, nº 4, 1995.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil.** 2. Ed. São Paulo : Contexto, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil.** Vol. III. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SILVA, Keila Queiroz e. “Sem lenço e sem documento”: mulheres de um novo tempo? IN: GURJÃO, Eliete Queiroz (org). **Imagens multifacetadas da história de Campina Grande.** Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação, 2000.

SOUSA, Noélia Alves de. **A liberdade é vermelha?** Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza, nas décadas de 20 e 30 do século XX. Dissertação de mestrado, PUC, São Paulo, 1997.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Sob um céu nem sempre estrelado.** Festa, aparição pública e a construção de imagens femininas em Campina Grande – Pb nas décadas de 40 e 50. Revista Hoje. São Paulo, UFPE, n. 1, p. 10-11, 2003.

VAISTSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais.** Identidade, casamento e família em circunstância pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JORNAIS:

O momento, 12 de novembro de 1960.

O momento, 24 de setembro de 1950.